

ATRAVÉS DO ESPELHO: OS SENTIDOS NA VIRTUALIZAÇÃO DE COROS NO PROJETO GRUPO VOX

MERCIA CATIUSSA SILVA SOUSA¹; CARLOS ALBERTO OLIVEIRA DA SILVA²;

¹Universidade Federal de Pelotas – mercia.souusa@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas- caoliufpel@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Devido ao distanciamento social ocasionado pela pandemia do vírus SARS-CoV-2, desde maio de 2020 o Grupo Vox, projeto de extensão na área de canto coral vinculado ao curso de música-licenciatura do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas, tem desenvolvido seu trabalho de forma remota, criando coros virtuais através de estratégias que baseiam-se no esforço de propiciar a aproximação das experiências fragmentadas do trabalho virtual em experiências que conectem os cantores com trajetórias antropológicas, em consonância com a dimensão *Erfarung* do conceito benjaminiano de experiência, onde a música não seja mero entretenimento, mas um fazer cultural dotado de tamanha força que seja capaz de produzir o choque necessário ao acesso a tal dimensão.

O presente trabalho dá continuidade às investigações iniciadas no trabalho “A experiência através da virtualização do canto coral na ação vox virtual” apresentado em 2020 no VI Congresso de Extensão e Cultura da Universidade Federal de Pelotas e se apresenta como um relato de experiência com o objetivo de identificar quais sentidos e significados foram construídos pelos cantores do Grupo Vox durante o período de virtualização.

Para driblar a superficialidade da descrição e comunicar experiências, não apenas informações, optou-se por usar do recurso narrativo para o seu desenvolvimento e através deste recurso tecer diálogos entre os teóricos e a pesquisa mediados pela literatura de CARROLL (1865) na obra “Alice no país das maravilhas”.

1.1 Alice, o abismo e o artista.

“Ninguém jamais conquistou alguma coisa com lágrimas” (CARROLL, 1865)

São tempos difíceis, repito em áudios direcionados às pobres almas fadadas a me consolar durante essa jornada de conclusão de graduação. Já passa da meia noite e eu choro, por saber o peso e a importância de tudo o que este trabalho representa, por sentir na pele o quão difícil é lutar contra a barbárie em tempos contemporâneos ao descaso para com a arte e a educação, por saber, mais do que nunca, que podemos fazer tanto mas que é tão pouco.

“Aonde fica a saída?”, perguntou Alice ao gato que ria. “Depende”, respondeu o gato. “De quê?”, replicou Alice; “Depende de para onde você quer ir...” (CARROLL, 1865)

É preciso mais do que amor para se fazer arte, é preciso, sobretudo, coragem, e se você está lendo isto quer dizer que demos mais um passo em direção ao abismo. Sim, ao abismo. No dicionário, abismo:

“1 Grande depressão natural, vertical ou quase vertical, cuja abertura está na superfície da terra e cujo fundo é geralmente desconhecido; 2 Lugar profundo, íngreme; despenhadeiro, precipício, ribanceira; 3 Tudo que é imenso; profundidade sem termo; imensidão, infinito, vastidão. 4 Tudo que é imperscrutável, inexplicável, misterioso; enigma, incógnita, mistério. 5 Grande distância; separação incontornável; apartamento, distanciamento, separação; 6 Situação de extrema dificuldade; condição insustentável; 7 A confusão primitiva que antecedeu a criação do Universo; caos, desordem. 8 O inferno. 9 O fundo do mar; a profundidade dos oceanos; pélagos. 10 O centro, o meio do escudo.” (ABISMO, 2021)

Ser artista é constantemente ser jogado em abismos e conseguir extrair beleza do trajeto de queda e digo isto compreendendo que “o sentido abismal deve ser definido como significado [pois] trata-se sempre de um sentido alegórico” (BENJAMIN, 2009). Talvez por essa razão eu sempre tenha gostado muito do país das maravilhas de CARROLL (1865), veja bem, Alice tropeça em sua curiosidade e cai no desconhecido, primeiro ela se desespera mas pouco tempo depois ela começa a perceber o seu entorno e interage com ele, ao fim, não sabemos ao certo em que momento o caos e a desordem deixam de ser assustadores e passam a fazer sentido para Alice, justamente porque outra possibilidade de caos surge atrás da pequena porta e ela corre em direção ao próximo abismo. Abismos, Alices, sentimentos e significados. Alegorias que convidam ao exercício da crítica cultural e da busca por camadas de sentidos presentes no fazer musical coletivo do Grupo Vox.

“Quando acordei hoje de manhã, eu sabia quem eu era, mas acho que já mudei muitas vezes desde então.” (CARROLL, 1865)

Perceba que não por acaso DELEUZE (1974) busca no caos das imagens criadas por CARROLL (1865) entender e explicar o conceito de sentido-acontecimento e, também, não por acaso, BENJAMIN (2009) busca explicar a importância das experiências por meio da construção de imagens, de mosaicos, recortes de narrativas que remontam trajetórias epistemológicas que nos ajudarão a compreender a importância de fazer o que fazemos e sermos quem somos.

“A única forma de chegar ao impossível é acreditar que é possível” (CARROLL, 1865)

Aqui trataremos do real e do virtual, que por si só já são dois grandes abismos, será possível encontrar conexões entre seres dessas duas realidades? Será possível construir uma narrativa alegórica que as conecte?

2. METODOLOGIA

“Quando eu uso uma palavra- disse Humpty Dumpty num tom escarinho- ela significa exatamente aquilo que eu quero que ela signifique... nem mais nem menos. A questão ponderou Alice- é saber se o senhor pode fazer as palavras dizerem coisas diferentes.” (CARROLL, 1865)

Através de entrevistas narrativas (BAUER et GASKELL, 2011) pretendemos captar as representações das experiências vividas pelos cantores do Grupo Vox durante o período de maio de 2020 a dezembro de 2021. As entrevistas serão realizadas de modo online, conduzidas pelo coordenador do projeto Grupo Vox, professor do curso de Música licenciatura da Universidade Federal de Pelotas, Carlos Alberto Oliveira da Silva e pela discente do curso Música bacharelado- canto da mesma instituição, Mercia Catiussa Silva Sousa e

serão posteriormente transcritas e servirão de base para a criação do trabalho final, como um texto narrativo. Experiência narrativa que perseguirá os princípios da collage surrealista (CLIFORD, 2011) e a montagem benjaminiana (BENJAMIN, 2009) (SILVA, 2019); Experiência que já se exercita na forma de escrita desse resumo, com as aproximações ora possíveis com a literatura de CARROL (1865) e aforismos epigrafando seções do texto.

Devido à heterogeneidade das experiências possíveis foram estabelecidos três categorias de entrevistados:

- 1- O/a cantor/a leigo/a - sendo este/a o/a cantor/a do grupo que tenha participado dos coros virtuais mas não tenha ligação com o estudo acadêmico de música.
- 2- O/a cantor/a estudante- sendo este/a o/a cantor/a do grupo que tenha participado dos coros virtuais e seja acadêmico/a do curso de música.
- 3- O/a cantor/a colaborador/a - sendo este/a o/a cantor/a do grupo que também faz parte da comissão organizadora do projeto Grupo Vox.

Será entrevistado um/a cantor/a de cada categoria, num total de três entrevistas

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Desde o início do trabalho na modalidade remota em maio de 2020 até o momento de escrita deste texto foram criados nove coros virtuais com a participação média de 30 cantores por vídeo.

O processo de ensino, captação e construção dos coros virtuais é desenvolvido com a intenção de complementar a experiência individual e trazer o equilíbrio entre o virtual e o presencial, de forma que o canto coral seja uma ferramenta para a produção de uma *Erfarung* e neste trabalho buscamos descobrir quais sentidos foram possíveis durante esses processos. Sendo o sentido a união entre o ser cantor e o ser música, ou seja, o fazer musical.

Aqui, não pretendemos encontrar justificativas para a substituição do canto coral presencial pelo canto coral virtualizado, e sim, identificar, a partir dos cantores, sentidos emergentes da experiência de virtualização que se refletem no trabalho do canto coral presencial. Tendo em vista que o presente trabalho encontra-se em sua etapa inicial de planejamento e que as entrevistas ocorrerão ao longo do segundo semestre de 2021, não é possível, no momento, tratarmos de resultados, se não elencar algumas possibilidades, como as feitas até aqui e enunciar os objetivos propostos, como indicado a seguir, na conclusão desse resumo.

4. CONCLUSÕES

"Eu não sou louco, minha realidade é apenas diferente da sua."(CARROLL,1865)

Ouso dizer que me perdi e me encontrei diversas vezes durante minha formação, mas nada foi tão desafiador quanto não me importar com o não se importar alheio. Ninguém se importa com a arte, com a música, com os sentidos, com as experiências, eu me importo. Isso basta? Terá que bastar por agora, mas até o final deste trabalho, nosso objetivo é desvelar sentidos ocultos na experiência de virtualização de coros. Sentidos que corroborem a possibilidade da extensão universitária como um *locus* de luta e de resistência contra a barbárie, que mostrem que é possível fazer muito, mesmo que seja pouco, que vale a pena se jogar nos abismos e fazer memória através da música.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUER, Martin W. et GASKELL, George (org.). **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: um manual prático**. Rio de Janeiro: Vozes, 2011. Ed.II.

BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

CARROLL, Lewis. **Aventuras de Alice no País das Maravilhas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. 1ªed.

CLIFORD, James. **A Experiência Etnográfica: Antropologia e Literatura no Sec. XX**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2011. 4ª ed.

DELEUZE, Gilles. **A Lógica do Sentido**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1974.

SILVA, Carlos Alberto Oliveira da. **Donde Musica Hubiere, Cosa Mala No Existiere: uma collage do concerto Vox Chorum do coral UFPEL**. 2019. Dissertação (Mestrado em educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Ufpel.